

ROBERTO MACEDO

Devagar com o andor

O últimos dois meses trouxeram mais nuvens carregadas para complicar o já nebuloso cenário da economia brasileira, que se clareara com o Plano Real, mas o manteve às voltas com a imperiosa necessidade de se consolidar e reencontrar o caminho da retomada do crescimento econômico e da ampliação do emprego. A necessidade é imperiosa, mas a ação é por demais vagarosa, tolhida que é pela política presa a interesses menores. Além das novas nuvens, voltamos também à era dos pacotes, com medidas tomadas apressadamente, sob pressão dos acontecimentos, para, logo em seguida, serem revistas com recuos e correções.

Já mostrei aqui que não adianta pôr a culpa dos nossos problemas em causas remotas, como a contaminação por crises na Tailândia ou na Coreia, nem em conceitos genéricos como a tal globalização, muito falada, mas pouco compreendida. Esse é um fenômeno importante e tem os seus efeitos, mas estes estão aí há muito tempo e atingem também outros países, que, contudo, não tiveram, como o Brasil, os sobressaltos por que temos passado desde o final de outubro.

O problema do Brasil é a sua própria vulnerabilidade, cujos sintomas maiores são o déficit e a dívida do setor público, ao lado de um outro déficit e de outra dívida, a do setor externo, ambos em larga medida impulsionados pelo setor privado, estimulado pelo dólar barato que o go-



A economia já está muito vulnerável e não cabe submetê-la a mais sofrimentos

verno insiste em balizar. Enquanto não acertarmos esses dois desequilíbrios, vamos continuar passando por sustos e pelo risco de resvalar para crises ainda mais sérias. Assim, não adianta pôr a culpa nos outros. A maioria dos nossos problemas não é "made in Korea", Tailândia nem em nenhum outro lugar. É, genuinamente, "made in Brazil". Particular-

mente em Brasília.

Não bastasse toda essa encenca, estamos sofrendo muito mais do que o "justificado" pela nossa vulnerabilidade e pelo efeito isolado das medidas que o governo adotou desde o final de outubro. A propósito, precisamos refletir sobre uma outra dimensão da globalização, a que se processa no âmbito interno. O

aprimoramento das comunicações e o maior acesso aos seus meios vêm também transformando nosso imenso país numa "aldeia global". Só nos últimos três anos chegaram aos lares brasileiros mais 20 milhões de novos televisores, ampliando fortemente o número de domicílios que dispõem de pelo menos um aparelho. Com isso, mais de 100 milhões de brasileiros recebem notícias pelos diversos canais, além do que ouvem pelo rádio ou lêem nos jornais.

Desde o final de outubro, todos esses meios de comunicação foram dominados por péssimas notícias, como a crise das bolsas, o crescimento do desemprego, as discussões em torno da redução da jornada de trabalho, mais as medidas governamentais e todo um *auê* em torno delas, enfatizando seus efeitos negativos.

Tudo isso teve um efeito psicológico com impacto devastador sobre os mercados dos produtos mais sensíveis à disposição do consumidor de ir às

compras. Ou seja, aqueles mercados de produtos, como automóveis e eletroeletrônicos, cuja aquisição pode ser postergada para outro momento. Nesses mercados, as vendas em novembro, relativamente ao mesmo mês do ano passado, despencaram de 30% a 40%. Ora, o que houve de aumento de juros e de impostos, ao lado de outras medidas governamentais, não explica essa queda. O que aconteceu mesmo foi uma retração causada pela incerteza, pelo medo e por outras reações psicológicas que, diante de tanta notícia ruim, abalaram a confiança do consumidor.

Nas duas últimas semanas, o consumidor voltou às compras, ainda que muito cauteloso e dando prioridade a produtos de baixo custo. É fundamental que não seja assustado, novamente, com uma nova avalanche de notícias ruins, que não devem ser escondidas, mas não precisam ficar ainda piores pela forma como são divulgadas, com trapalhadas e insensibilidade, por parte do governo, e, pela mídia, com um estardalhaço e uma carga emocional exagerados, tudo isso ampliando o seu impacto além do que significam por si mesmas.

Devagar, portanto, com o andor. A economia já está muito vulnerável e, em qualquer caso, não cabe submetê-la a mais sofrimentos além daqueles que já vieram com a crise e com as medidas governamentais. Quando se faz isso, novamente não cabe culpar os outros, pois estamos, mais uma vez, exercitando a nossa própria incompetência.



■ Roberto Macedo, economista formado pela USP, com mestrado e doutorado pela Universidade de Harvard (EUA), é professor e consultor